



MILES, Jack. **Religion as we know it: an origin story.** New York: Norton, 2020. ISBN: 978-1-324-00278-9.

Danilo Souza Mendes de Vasconcellos\*

Em seu mais recente livro, Jack Miles se propõe a contar a história de como a religião tomou a forma como nós a conhecemos hoje. Miles é conhecido do público brasileiro por duas traduções para o português dos três livros que publicou anteriormente a esse: *Deus: uma biografia*, e *Cristo: uma crise na vida de Deus*, ambos publicados pela Companhia das Letras, em 1997 e 2002, respectivamente. Com a primeira, sua mais famosa obra, ganhou o prêmio Pulitzer de biografia em 1996, ano posterior à sua publicação original, em inglês. Se nessa obra Jack Miles esboça uma biografia de Deus em meio à tradição, em *Religion as we know it*, ele traça uma arqueologia<sup>1</sup> do senso comum sobre a religião.

A obra inicialmente serviria como introdução à segunda edição da grande antologia Norton de religiões mundiais da qual Miles é editor geral e conta com quase 4500 páginas, mas devido à sua profundidade e extensão, ganhou publicação independente. Essa antologia reúne textos de diferentes tradições religiosas e comentários de diversos posicionamentos sobre eles (pesquisadores, praticantes etc.). Seus dois volumes dividem-se de acordo com as seis religiões mundiais: Hinduísmo, Budismo e Taoísmo, no primeiro volume; Judaísmo, Cristianismo e Islã, no segundo. A leitura de sua introdução não se invalida, entretanto, quando

---

Resenha recebida em 24 de março de 2020 e aprovada em 08 de julho de 2020.

\* Doutorando em Ciência da Religião (UFJF). País de origem: Brasil. E-mail: danilo.smendes@hotmail.com

<sup>1</sup> Aqui devemos pensar a arqueologia enquanto método filosófico de pesquisa, como em M. Foucault e G. Agamben, e não na pesquisa histórica de objetos antigos descobertos em sítios milenares. Sobre a arqueologia, ver FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008; e AGAMBEN, G. **Signatura Rerum**: Sobre o método. São Paulo: Boitempo, 2019.

fora do contexto de sua gestão uma vez que ela apresenta uma introdução sobre o próprio conceito de religião, e não das diferentes versões que dele fazem uso as religiões da antologia.

A justificativa de Miles para a pesquisa arqueológica se baseia em um fato: na questão do pluralismo religioso estadunidense que, em sua leitura, mais do que mera realidade no espaço público, torna-se uma espécie de valor na construção dessa sociedade. Nele, está pressuposto que para certo senso comum, as religiões existem, são diferentes e, de alguma forma, comparáveis. Mais do que justificar o estudo da religião, ou das religiões, esse senso comum serve de base para explicar o ponto fundamental que, para Miles, parece articular toda a nossa compreensão de religião. Em sua compreensão, o senso comum de religião se baseia na ideia de que esse fenômeno é distinto e distinguível de outros fenômenos da vida humana. Esse simples pressuposto, para ele, sustenta aquilo que ele chama de “religião como a conhecemos” no título de sua obra. Seu esforço vai no sentido de compreender como essa noção se formou ao longo da história.

Antes ainda de iniciar sua arqueologia, Jack Miles preocupa-se com duas questões de base: os limites entre o religioso e o laico na vida pessoal do pesquisador em religião; e a questão de uma definição do próprio termo religião. Sobre o primeiro, questiona-se ele: “Quão religioso é suficientemente religioso? Quão secular é suficientemente secular? Para citar um antigo provérbio latino, *Virtus stat in medio*: ‘A virtude está na metade’<sup>2</sup> (p. 5). A problemática sobre o envolvimento subjetivo pessoal, ou não, em questões religiosas, para ele, resolve-se num meio termo que, em todo caso, também é pessoal e tem mais a ver com bom senso e autoconhecimento do que com regras impessoais e padrões rígidos de comportamento. A segunda questão é mais complicada: uma vez que não há uma definição universalmente aceita do que seja religião, corre-se o risco de cair em alguns extremos. Ou a definição é demasiadamente larga e corre-se o risco de que quase tudo seja considerado como religião; ou ela é tão específica que se exclui boa

---

<sup>2</sup> No original, “How religious is religious enough? How secular is secular enough? To quote an ancient Latin proverb, *Virtus stat in medio*: ‘Virtue stands in the middle’”.

parte do que consideramos religioso. Para evitar cair nos extremos, Miles reconhece um pressuposto comum que considera a religião como, sobretudo, uma prática, argumentando que a antologia que introduz não trata diretamente com teorias da religião, textos secundários, mas com textos religiosos primários, para os quais a definição do termo é indiferente.

Em primeiro lugar, Jack Miles traça como, ao longo da história do Ocidente, a cristandade européia aprendeu a comparar as religiões. Embora a estrutura de seu capítulo se assemelhe ao clássico *O sentido e o fim da religião* de Wilfred Cantwell Smith, há uma considerável distinção: aqui não interessam os significados do termo religião, mas como sua funcionalidade se transformou ao longo do tempo. Para Miles, a compreensão fundamental que dá início ao processo de comparar as religiões é a ênfase dos primeiros cristãos no dever social de espalhar a mensagem da organização. Isto é, na interpretação do mandamento de levar as boas novas às todas as nações. Como registrada na própria narrativa bíblica, houve um primeiro desentendimento interno acerca desse mandamento a partir de duas correntes: uma ligada à tradicionalidade judaica, representada pelo apóstolo Pedro; outra à universalização da mensagem sem adesão a certos costumes, representada pelo apóstolo Paulo. Nessa segunda posição, para Miles, começa-se a diferenciar o que é costume cultural, político e histórico do que é mais próprio da tradição religiosa.

Dessa forma se começa a fragmentar a unidade de estruturas monolíticas que continuaram no Ocidente até, pelo menos, o Iluminismo europeu. Diante de tal estrutura não era possível diferenciar o que seja religioso, político, econômico, artístico ou legal. Antes, tudo fazia parte da mesma esfera vital antiga e medieval. Nesse tempo, o que se conhecia como religião se identificava geograficamente, sobretudo, com cristãos, judeus, mulçumanos e politeístas greco-romanos. Posteriormente, a aproximação da Europa com as culturas antigas, sobretudo a filosofia grega leva ao início do fim da questão geográfica com a Reforma Protestante e, então, com o tratado da paz de Westfália. A reação católica aos movimentos de Lutero e Calvino, entre outros, é paradigmática para a questão: ao considerá-los hereges, há implicitamente a questão da comparação entre sistemas

religiosos, ainda que dentro de uma mesma tradição. Essa questão trouxe à tona a noção de religião natural que, apesar de estar embrenhada de teologia, determinou certo afastamento em relação ao julgamento de valor das heresias. O debate sobre religião natural, por fim, possibilita a publicação de uma obra que, para J. Miles, funda no Ocidente, determinantemente, a comparação das religiões – a base para o que depois se chamou de estudos de religião: *Religious ceremonies and customs of all the peoples of the Word* [Cerimônias e costumes religiosos de todos os povos do mundo] de Jean Frederic Bernard e Bernard Picart, em 1723.

A partir da publicação e recepção do livro de pretensões enciclopédicas, com mais de 3000 páginas, começa na Europa o período de consolidação de tal atitude comparativa. Fato que identifica esse período, sobretudo na primeira metade do séc. XIX, é o aprofundamento de estudiosos como Max Müller, James Legge, S. William Jones e Eugène Burnouf nos estudos sobre religião a partir da linguística, bem como a publicação de 50 volumes em Londres de *The Sacred books of the East* [Os livros sagrados do Oriente]. O desenvolvimento, portanto, a partir da questão linguística do estudo das religiões orientais permitiu a ampliação geográfica e, posteriormente, histórica do escopo desses estudos: primeiramente com a possibilidade de acesso às religiões vivas, e posteriormente com a tradução de antigas peças arqueológicas, os estudos avançam na aproximação de religiões antigas. Tal acesso se desenvolveu, para Miles, em três correntes de estudo: de um lado o orientalismo, nos termos acima; de outro o neo-helenismo, com a redescoberta das religiões de mistério e na mitologia da Grécia antiga; e a busca pelo Jesus histórico, por meio da separação entre fontes historiográficas e livro religioso (Bíblia). Por fim, J. Miles enumera a Haskalah, movimento judaico do final do séc. XVIII, e a teoria da evolução de C. Darwin como importantes influências para o estudo comparativo da religião, que se consolida, definitivamente em 1893, com o primeiro Parlamento de religiões. Esse evento reuniu líderes de diversas tradições a fim de dialogar e celebrar o progresso ocidental por cerca de seis meses, em Chicago, nos EUA. Tal encontro tem caráter paradigmático, diz Miles, porque demonstra o *Zeitgeist* da época: o encontro com

as diferentes culturas e a possibilidade de diálogo e respeito mútuo ou, em outros termos, a comparação entre elas.

Por fim, Jack Miles se arrisca em responder à questão: “Why religion? [“por que a religião?”] (p. 119). Como editor da antologia Norton, ele se vê questionado a se posicionar diante do tema, e para fazê-lo recorre a fatores biográficos em discussão com importantes pensadores como A. Camus, L. Kolakowski e I. Newton. Para ele, a religião é um modo de responder à insuperável falta de sentido da vida, e nisso reside sua importância. O fato de recorrer a questões biográficas, nesse ponto, é coerente com a própria resposta que Miles dá sobre o porquê da religião. Uma vez que a resposta passa pela subjetividade do sentido da vida, colocar-se em jogo, para ficarmos nos termos de S. Kierkegaard, parece um tom acertado. Todavia, há ainda algumas lacunas no texto que não são tão bem resolvidas quanto a relação entre biografia e motivação do texto.

São cada vez mais recorrentes as críticas ao paradigma das religiões mundiais nos estudos de religião. As mais contundentes estão reunidas no volume *After World Religions: Reconstructing Religious Studies*, editado por Christopher R. Cotter; David G. Robertson e publicado pela Routledge em 2016. A questão é que não apenas Jack Miles parte desse paradigma, mas também não se atém às críticas ou limites do próprio posicionamento. Uma vez que seu interesse em tratar do sentido de religião no senso comum se baseia numa incursão arqueológica acerca dos pressupostos que a esse sentido subjazem, seria coerente que, ao menos brevemente, Miles tratasse das críticas ao paradigma a partir do qual seu trabalho se constitui.

Todavia, a falta de tal resposta não invalida a qualidade e a importância de sua obra em nível histórico. Seu principal apontamento arqueológico, de que o senso comum sobre a religião se baseia na ideia de que ela é uma esfera autônoma entre outras da sociedade, é de extrema relevância para os estudos de religião, em geral, e para o desenvolvimento das Ciências da religião no Brasil. Essa relevância se constitui na medida em que ela postula bases consensuais sobre a religião no

Ocidente moderno, que permitem uma melhor delimitação do escopo de nossa área, ainda, em formação. A contribuição, portanto, que *Religion as we know it* pode dar às Ciências da religião no Brasil somente serão efetivas se esta obra circular em nossos meios acadêmicos, sobretudo no âmbito da graduação. Por isso, afirmamos que a obra carece de uma tradução para o português, ou antes, as Ciências da religião carecem da tradução dessa obra. Nas acertadas palavras de Mark C. Taylor (outro autor ainda a ser traduzido), “Jack Miles escreveu o primeiro livro perfeito para iniciantes no estudo da religião”<sup>3</sup> (contracapa).

---

<sup>3</sup> “Jack Miles has written the perfect first book for religious studies beginners”.